

ANÁLISE DA TRADUÇÃO FEITA POR AUGUSTO DE CAMPOS DE "GOD'S GRANDEUR" DE GERARD MANLEY HOPKINS

Abstract

The present study is a brief analysis of one of Gerard Manley Hopkins best-known sonnets as it has been translated into the Portuguese language by Augusto de Campos, taking into consideration the translator's fidelity to the poetics and original thought of the author.

Palavras-chave: poesia; soneto; tradução; fidelidade.

Introdução

Tendo feito um estudo exaustivo da obra do poeta britânico, Gerard Manley Hopkins (1844-1889), a fim de elaborar minha tese de doutorado, intitulada **Convergences of Ignatian and Scotist Elements in the Poetry of Gerard Manley Hopkins**, muito me interessou o livro recentemente publicado por Augusto de Campos, **Hopkins: A Beleza Difícil**, em que ele traduz algumas das poesias mais conhecidas e mais belas de Hopkins que, no final do século passado, despontou como um dos poetas mais originais da língua inglesa.

Se é verdade que a poesia de Hopkins é bela, é verdade também que ela apresenta muitas dificuldades para ser bem entendida, tanto na sua linguagem quanto no seu conteúdo. A coragem de trazer esta "beleza difícil" para a língua portuguesa começou numa versão anterior, **Gerard Manley Hopkins: Poemas**, publicada por Aíla de Oliveira Gomes em 1989, e se consolidou agora com o livro de Augusto de Campos, publicado em 1997.

A dificuldade em traduzir Hopkins se baseia no fato de que ele não apenas criou um ritmo todo particular mas, com frequência, também fez uso de ousadas inversões sintáticas, aliterações, assonâncias, e rimas internas e ainda utilizou-se de neologismos, arcaísmos e termos dialetais. Contudo, o poeta não quis apenas dar nova vida à linguagem poética. Buscava, sobretudo, atingir o que ele denominou o "inscape", ou seja aquele elemento que faz cada coisa singularmente diferente de todas as outras coisas e que nos permite perceber a harmonia do universo e sua origem divina. A essa noção, frequentemente

acoplava a procura do que ele chamava de o "instress" de cada coisa, ou seja, sua energia inerente. A frase proferida pelo próprio poeta simplifica o nosso entendimento desses termos que ele mesmo inventou: "Aquilo para que olhamos atentamente, olha atentamente para nós."

Seria impossível analisar bem a obra poética de Hopkins olhando apenas para o uso singular da linguagem e a poética que ele desenvolveu, tão diferente daquela dos seus contemporâneos. Para compreender, de fato, a sua poesia temos que compreender a sua maneira de pensar. E este modo de pensar foi influenciado sobremaneira pelo fato de que ele, aos vinte e poucos anos, entrou na Companhia de Jesus e mais tarde ordenou-se sacerdote da Igreja Católica. Assim, Gerard Manley Hopkins se destaca entre os poetas do final do século XIX, porque conseguiu dentro de uma vida muito breve (ele morre aos 45 anos) produzir uma poesia que combina, com beleza e esmero, uma doutrina profundamente cristã e, ao mesmo tempo, um pensamento profundamente filosófico. Enquanto a poesia que ele escreveu quando ainda era estudante na Universidade de Oxford reflete o pensamento dos Românticos (especialmente Wordsworth e Keats) e também os Vitorianos (especialmente Pater), as influências que mais tarde predominam na sua vida e na sua poesia vêm dos **Exercícios Espirituais** de São Inácio de Loyola (fundador dos Jesuítas) e a filosofia/teologia de um grande pensador medieval franciscano, Duns Scotus.

Enquanto Hopkins amadurecia, tanto espiritual como artisticamente, essa duas influências dominantes começavam a convergir no seu pensamento, produzindo o vigor e a energia que caracterizam a poesia da sua maturidade. Os pontos de convergência da doutrina de Inácio e a de Scotus se encontram no fato de que ambas a) seguem uma teologia cristocêntrica, b) possuem uma visão sacramental da natureza e c) insistem no papel do livre arbítrio em levar o ser humano a fazer aquelas escolhas que norteiam sua vida.

Levando em conta a importância desses três elementos na poesia de Hopkins, pretendemos fazer uma breve análise da tradução de um dos seus sonetos feita por Augusto de Campos no seu livro **Hopkins: A Beleza Difícil** quanto a sua fidelidade

ao autor britânico em relação a) ao seu pensamento filosófico/teológico, b) ao seu uso inovador da linguagem e c) à sua poética singular.

A proposta de Augusto de Campos

O grande poeta americano, Robert Frost, definiu poesia como *“aquilo que se perde na tradução”*. Augusto de Campos, reconhecido tradutor e poeta brasileiro, definitivamente não concorda com a afirmação do Frost e assume uma postura bastante ousada na sua tradução da poesia de Hopkins. Na apresentação da coda do seu trabalho, ele afirma:

A proposta em suma, é de construir, a partir de Hopkins, poemas legíveis em português – belos e complexos poemas, que querem responder à arte com mais arte. Poemas que não precisem de desculpas nem peçam perdão por existirem. Forma. “a técnica é o teste da sinceridade” (Pound, “le Grand Traducteur”). Alma. A transmigração de que fala Borges a propósito de Fitzgerald e Omar Khayyam. Forma e alma. Esta é a meta. Tradução-arte. Conversa entre poetas. O resto é prosa.

Esta proposta metodológica de trabalho, a de “construir” uma nova obra partindo da original, parece-nos permitir a abertura de novos caminhos para a análise tradutória, principalmente a tradução literária, ao mesmo tempo em que dá ao pesquisador o direito de questionar a sua validade..

Análise do soneto “God’s Grandeur” na tradução de Augusto de Campo

Este soneto faz parte de um grupo de dez poesias escritas por Hopkins em 1877 (datado de 23 de fevereiro daquele ano) enquanto ele, como seminarista Jesuíta, estudava teologia no País de Gales. As poesias que ele escrevia neste período refletem um sentimento semelhante ao de Wordsworth na sua maneira de ver a natureza e o ser humano. A este sentimento foi acrescentado sua visão particular do mundo como *“palavra, expressão e notícia de Deus”*.

*The world is charged with the grandeur of God.
It will flame out, like shining from shook foil;
It gathers to greatness, like the ooze of oil
Crushed. Why do men then now not reckon his rod?
Generations have trod, have trod, have trod;
And all is seared with trade; bleared, smeared
with toil;
And wears man’s smudge and shares
man’s smell: the soil
Is bare now, nor can foot feel, being shod.
And for all this, nature is never spent;
There lives the dearest freshness deep down
things;
And though the last lights off the black West went
Oh, morning, at the brown brink eastward,
springs —
Because the Holy Ghost over the bent*

*World broods with warm breast and with ah!
bright wings.*

Os versos do soneto são, ao mesmo tempo, um elogio à beleza da natureza criada por Deus e uma lamentação pela destruição desta mesma natureza pelo homem. Este tema é reforçado pelas imagens que Hopkins cria. Nos primeiros quatro versos ele usa a imagem da eletricidade para indicar o poder e também o perigo que a natureza pode apresentar. Um exemplo disso é a palavra “charged” (carregado) no primeiro verso, seguida de “flame out” (produzir chamas) e “shining from shook foil” (o brilho produzido quando um metal leve e brilhante, como alumínio, é movimentado). Numa versão anterior do soneto, no lugar desta imagem aparece a palavra “lightning” (relâmpago), também ligada à idéia de eletricidade. Uma outra imagem, bem diferente, aparece nos versos 3 e 4, isto é, a imagem das olivas maceradas: “the ooze of oil”. Óleo de oliva, no Velho Testamento, é um símbolo de poder e realeza e no soneto certamente era a intenção do autor transmitir a idéia do poder divino evidente na criação.

No verso 4, o poeta pergunta porque o homem não teme a ira do Criador, não pensa nas consequências dos seus atos. Lamenta, nos versos seguintes, a destruição da natureza pelo homem: “all is seared” (queimado) ... “bleared” (ofuscado) ... “smeared” (encoberto) and “wears man’s smudge” (veste a sujeira humana) “and shares man’s smell” (partilha do próprio cheiro do homem) ... “the soil is bare now, nor can foot feel, being shod” (o solo é desnudado, e o pé do homem, agora calçado, não sente mais a terra).

A segunda estrofe apresenta um aspecto que é particular ao pensamento de Hopkins. Ele criou o termo “instress” justamente para indicar a energia inerente em cada coisa que existe. É “the dearest freshness deep down things” (o frescor que existe na essência das coisas) ... o elemento que não permite que a natureza seja destruída pelas barbaridades do homem. Afinal, o espírito do Criador continua presente entre nós, e em forma do “Holy Ghost” (o Espírito Santo, cujo símbolo na fé católica é de um pombo branco) paira sobre “the bent world” (o mundo torto) e o protege com a tenura das suas asas.

Na sua forma o soneto de Hopkins segue a deste gênero de poesia escrita na língua inglesa, consistindo de uma oitava (8 versos) e um sexteto (seis versos). Também, o poeta segue uma outra técnica que é comum neste tipo de poesia, isto é, a volta, em que a linha de pensamento torna-se no sexteto um tipo de reflexão depois da exposição colocada na oitava. O ritmo, como em toda a obra de Hopkins, é extremamente complexo, uma vez que ele experimentou com várias formas de ritmo, incluindo o inovado “sprung rhythm”, que é baseado no número de sílabas fortes num verso, sem observar o número de sílabas fracas. No entanto, neste soneto ele faz uso de um ritmo de contraponto em vez do “sprung rhythm”, que depois tornaria quase sua marca registrada. Dentro do tempo e espaço permitido aqui, não há possi-

bilidade de uma análise maior deste aspecto de “God’s Grandeur”, embora ele seja, se compararmos com outras poesias de Hopkins, um dos mais simples no seu ritmo. Apresenta um padrão de cinco pés por verso, cada pé constando de uma sílaba forte seguido de uma fraca ou duas fracas seguidas de uma forte. Uma variação (justamente o contraponto) ocorre quando, em vez de pés de uma ou duas sílabas fracas seguidas por uma forte, percebe-se duas fortes em pés alternados. A rima, por outro lado, é muito simples, seguindo o seguinte padrão: *abbaabba* (na oitava) e *cdcdcd* (no sexteto).

Assim, entendendo o pensamento de Hopkins e alguma coisa sobre a estrutura deste soneto, podemos comparar o original à tradução feita por Augusto de Campos, que ele intitula **A Grandeza de Deus**:

*A grandeza de Deus o mundo inteiro a admira.
Ouro ou ouropel fásca o seu fulgor;
Grandiosa em cada grão, qual limo em óleo
amor— tecido. Mas por que não temem sua ira?
Gerações vêm e vão; tudo o que gera, gira
E gora em mercância; em barro, em borra de
labor;
E o homem mancha o suor, o sujo, a sujeição;
sem cor
O solo agora é; nem mais, solado, o pé o sentira.
E ainda assim a natureza não se curva,
Um limpo frescor do ser das coisas vaza:
E quando a última luz o torvo Oeste turva
Ah, a aurora, ao fim da fimbria oriental, abraça—
Porque o Espírito Santo sobre a curva
Terra com alma ardente abre ah! a alva asa.*

A primeira coisa a chamar-nos a atenção na versão em língua portuguesa é o fato de que o elemento “elétrico” tão presente nos primeiros quatro versos do original, não aparece na tradução. Há uma diferença grande entre o verbo forte usado por Hopkins para descrever a energia presente no mundo (“The world is charged with the grandeur of God”) e a frase mais suave escolhido por Campos (“a grandeza de Deus o mundo inteiro admira”). A força da imagem, tão essencial ao pensamento de “*instress*” do Hopkins se perde, enfraquecida pela mudança do verbo “charged” no verso inicial, embora a idéia de energia apareça, timidamente, no segundo verso quando o tradutor fala em “ouro ou ouropel” que “fásca”.. Mas, se nos primeiros versos, as imagens poéticas de Hopkins sobre a energia gerada pela natureza estão ausentes, o poeta Augusto de Campos cria uma descrição maravilhosa quanto a destruição do mundo pelo descuido e descaso do homem. A sonoridade criada por ele em frases como “tudo o que gera, gira / E gora em mercância, em barro, em borra de labor.” traz para a língua portuguesa, a beleza do original em expressões novas que não deixam nada a desejar. A pura poesia do verso 7 da oitava produzida pela repetição da letra “s” não mostra apenas a habilidade do tradutor mas o talento do poeta: “E o homem mancha o

suor, o sujo, a sujeição, sem cor / O solo agora é; nem mais, solado, o pé o sentira.”

Parece-nos muito feliz também a frase “límpido frescor” (segundo verso do sexteto) que expressa com perfeição a idéia tão própria de Hopkins, a de *instress*, ou seja, “the dearest freshness deep down things”, sobre o qual já comentamos. Os últimos versos do sexteto, como também os quatro versos iniciais do soneto, enquanto não reproduzem com muita exatidão o tom expresso no original, certamente são exemplos da proposta de Augusto de Campos de “criar poemas legíveis em português, belos e complexos poemas, que querem responder à arte com arte.”

Quanto à forma em que a tradução se encontra, nota-se a predominância de pés curtos, cada verso tendo 6, 7 ou até 8 sílabas poéticas. Certamente, não é de esperar que a transposição de um soneto escrito em inglês no seu original para o português, possa seguir o mesmo padrão lingüístico e muito menos que o poeta-tradutor consiga imitar o idiossincrático “sprung rhythm”. Na tradução de Augusto de Campos, vê-se a predominância de pés mais longos, seguindo o padrão de duas sílabas fracas seguidas (ou precedidas) de uma sílaba forte. Raramente aparece o contraponto usado por Hopkins, que cria um pé de duas sílabas fortes. Por outro lado, o tradutor conseguiu manter a mesma rima simples do original, isto é, *abbaabba* na oitava e *cdcdcd* no sexteto.

Podemos concluir que, ao trazer a bela poesia de Gerard Manley Hopkins para a língua portuguesa, Augusto de Campos faz uma contribuição muito valiosa aos que se interessam pelo crescimento das letras brasileiras. A sua proposta inovadora dá oportunidade a muitos que, dada a dificuldade dos versos originais, talvez não chegassem a ler esta poesia que trouxe à língua inglesa um sopro de ar fresco numa época em que ela já se apresentava cansada e, freqüentemente mal usada.

Se, em alguns casos, a fidelidade ao pensamento original do poeta não aparece, ou muda na sua maneira de apresentá-lo, devemos lembrar que a proposta do tradutor não é uma proposta de absoluta fidelidade, e sim a de “construir, a partir” das poesias na sua forma original. A esta proposta ele é fiel. Ele confronta arte com arte e cria uma arte nova. E válida. E, como ele mesmo diz, “o resto é prosa.”

Referências Bibliográficas

- CAMPOS, Augusto de, *Hopkins: A Beleza Difícil*, São Paulo: Editora Perspectiva, 1997.
- GARDNER, W.H. e N.H. MacKenzie, eds. *The Poems of Gerard Manley Hopkins* (4th edition), London: Oxford University Press, 1978.
- GARDNER, W.H., ed. *Gerard Manley Hopkins, Poems and Prose*, New York: Penguin Books, 1978.
- MARIANI, Paul L, *A Commentary on the Complete Poems of Gerard Manley Hopkins*, Ithaca: Cornell University Press, 1970.

MCCHESENEY, Donald, *A Hopkins Commentary*, New York: New York University Press, 1968.

MILWARD, Peter, *A Commentary on the Sonnets of G.M. Hopkins*, Chicago: Loyola University Press, 1969.

CAMPOS, Haroldo de, "Reflexões sobre a Poética da Tradução", in *Anais 1º. e 2º.*, Simpósio de Literatura Comparada, Belo Horizonte: UFMG, 1987.

LARANJEIRA, Mário, *A Poética da Tradução*, São Paulo: Edusp, 1993.

PÃES, José Paulo, *Tradução: a Ponte Necessária*, São Paulo: Ática, 1990.

VAUGHAN, Patricia Anne, *Convergences of Ignatian and Scotist Elements in the Poetry of Hopkins*, Doctoral Dissertation, Department of English, University of Notre Dame, Notre Dame, Indiana, 1984.